

O príncipe medroso

e outros contos
africanos

Recontados por Anna Soler-Pont

Ilustrações de Pilar Millán

Tradução de Luis Reyes Gil



Copyright do texto © 2005 by Anna Soler-Pont
Copyright das ilustrações © 2005 by Pilar Millán Derqui

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A tradução desta obra recebeu o apoio do Instituto Ramon Llull.



Título original

Un meravellós llibre de contes de l'Àfrica per a nens i nenes

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Soler-Pont, Anna

O príncipe medroso e outros contos africanos / Anna
Soler-Pont ; ilustrações de Pilar Millán ; tradução Luis
Reyes Gil. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009

Título original: Un meravellós llibre de contes de
l'Àfrica per a nens i nenes

ISBN 978-85-359-1540-2

1. Ficção – Literatura juvenil I. Millán, Pilar.

II. Título

09-08669

CDD-028,5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil

028,5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Ennatsu

Sumário

A ÁFRICA DOS CONTOS	9
MAPA DA ÁFRICA.....	11
CONTOS DE PRINCESAS E PRÍNCIPES	
Os dois reis de Gondar (Etiópia)	19
Nyalgondho e a princesa perdida do lago Vitória (Quênia)	23
A princesa, o fogo e a chuva (Gana e outros países da África ocidental)	27
O príncipe medroso (Somália, Etiópia e outros países da África oriental)	31
FÁBULAS DE ANIMAIS	
O sonho da tartaruga (conto banto de Camarões e outros países).....	41
O tambor mágico da rã (Uganda e Quênia)	47
Como Anansi se transformou em aranha (Senegal e outros países da África ocidental)	51
Por que a aranha vive nos tetos (Senegal e outros países da África ocidental)	57
Como o leopardo conseguiu as manchas da sua pele (Serra Leoa)	61
Por que o leopardo nunca esconde as garras (Zimbábue)	63
A lebre e o gênio da selva (Gana e outros países da África ocidental)	67
O crocodilo e o macaco (Quênia).....	73

O vento e a tartaruga (conto senufo da Costa do Marfim)	77
As hienas e o chacal (Djibuti)	81
Laika, o caranguejo que sonhava demais (ilha de Zanzibar, Tanzânia)	85

MITOS DA CRIAÇÃO, DA NATUREZA, LENDAS E AVENTURAS

A criação do universo (conto iorubá da Nigéria e de outros países da África ocidental)	93
Como o mundo foi criado a partir de uma gota de leite (Máli)	97
As brigas entre o Sol e a Lua (lenda da África ocidental: Costa do Marfim, Gana, Togo...)	99
Como apareceu a escuridão (Serra Leoa)	101
O espírito do Grande Baobá (Zimbábue)	103
O Cruzeiro do Sul (lenda zulu da África do Sul)	107
A lenda do café (Etiópia)	111
A armadilha dos ecos (conto nuba do Sudão)	115
Dju-Dju e o pescador (conto mandinga do Senegal e de Gâmbia)	119
O escravo e o fogo da amizade que o libertou (Etiópia)	123
GLOSSÁRIO	129
DE ONDE SURGIRAM ESTES CONTOS	131

A África dos contos

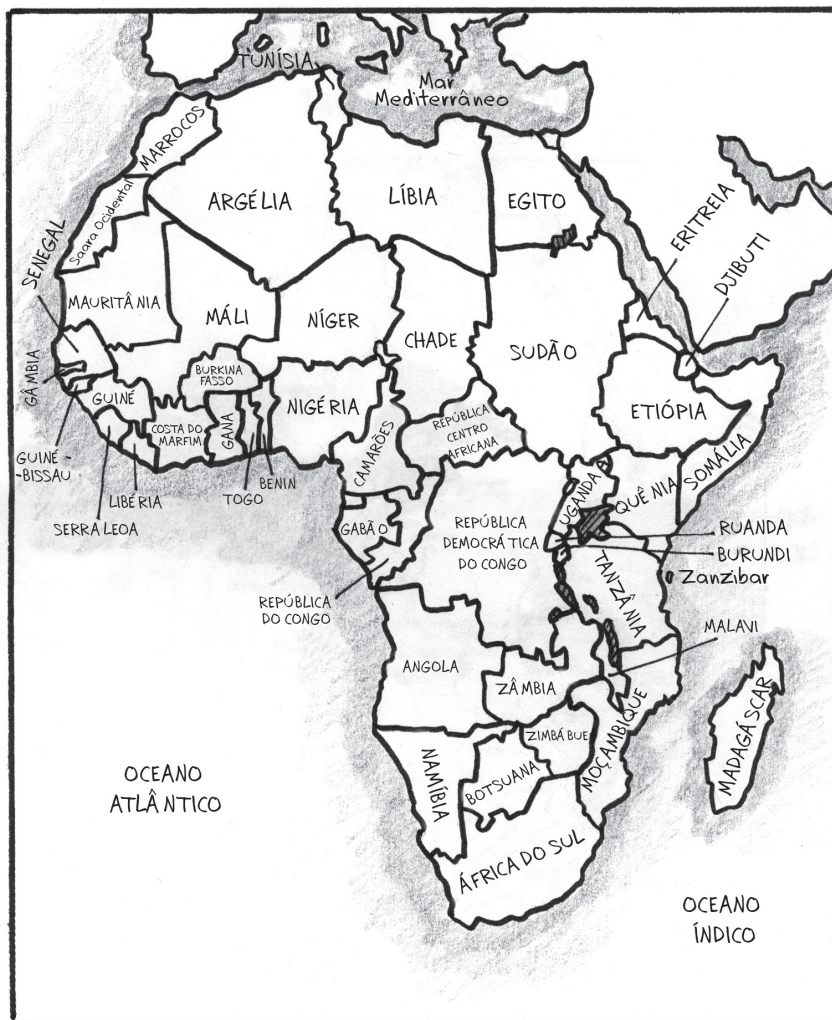
Desde sempre, os habitantes da África converteram a história em lenda e as anedotas em contos. A tradição oral do continente fez com que os contos e as lendas passassem de geração a geração, através dos séculos, sem serem escritos. Os *griots* os contavam, pais e mães, avôs e avós acabavam decorando-os de tanto ouvi-los e continuavam a transmiti-los aos mais jovens. Só no final do século XIX e início do XX é que se começou a recolher a mitologia e os contos da África sob a forma de livros.

Mesmo hoje, contar contos nas praças dos povoados, nos pátios das casas ou embaixo de uma árvore numa escola rural ainda é uma atividade comum em muitos rincões do continente africano. E os contos continuam bem vivos e mutantes. A mesma história pode ter diversas versões, dependendo de onde é contada e de quem a conta!

Esta coletânea propõe uma viagem através de alguns contos da África subsaariana, de oeste a leste, de leste a oeste, chegando também até o sul e passando por algumas ilhas, atravessando lagos, rios e cachoeiras gigantes, desertos e montanhas. E propõe uma aproximação com diferentes tipos de conto: dos mais desconhecidos, como os de princesas e príncipes, até os mais familiares, como as fábulas de animais.

No fim do livro há um glossário com o significado das palavras que aparecem em negrito no texto.

MAPA DA ÁFRICA





- Um conto para quem?
- Um conto para todos! — gritaram os que estavam prontos para escutar a vovó contadora de histórias.
- E quem o contou?
- O camaleão! — gritou um menino.
- É verdade. Não existe ninguém que saiba mais histórias que o camaleão. Agora lhes contarei os contos com que ele me presenteou há muito, muito tempo...



CONTOS DE PRINCESAS E PRÍNCIPES



No leste da África localiza-se o chamado “chifre da África”. Dizem que justamente essa região, onde ficam hoje Eritreia, Djibuti, Somália e uma parte do Quênia e do Sudão, é o berço da humanidade, e que foi de lá que saíram os primeiros humanos para dominar o mundo. Quem sabe se aqueles primeiros homens e aquelas primeiras mulheres, como a célebre Lucy, velha de mais de três milhões de anos, que então pintavam suas histórias com tintas nas pedras, já não inventavam contos?

Nem todos sabem que na África existem também muitas histórias de princesas e príncipes, como nos contos de várias outras culturas. E dizem que essas histórias entraram no continente africano justamente pelo seu “chifre” e foram influenciadas pelas histórias da Arábia das *Mil e uma noites*, que vinham do outro lado do mar Vermelho e do golfo de Áden.

Ao cabo de séculos, porém, descobrimos que as histórias contadas no “chifre” da África se parecem muito com as narradas em outros cantos do mundo.



Os dois reis de Gondar

(ETIÓPIA)

Era um dia como os de outrora... e um pobre camponês, tão pobre que tinha apenas a pele sobre os ossos e três galinhas que ciscavam alguns grãos de *teff* que encontravam pela terra poeirenta, estava sentado na entrada da sua velha cabana como todo fim de tarde. De repente, viu chegar um caçador montado a cavalo. O caçador se aproximou, desmontou, cumprimentou-o e disse:

— Eu me perdi pela montanha e estou procurando o caminho que leva à cidade de Gondar.

— Gondar? Fica a dois dias daqui — respondeu o camponês. — O sol já está se pondo e seria mais sensato se você passasse a noite aqui e partisse de manhã cedo.

O camponês pegou uma das suas três galinhas, matou-a, cozinhou-a no fogão a lenha e preparou um bom jantar, que ofereceu ao caçador. Depois de comerem os dois juntos sem falar muito, o camponês ofereceu sua cama ao caçador e foi dormir no chão ao lado do fogo.

No dia seguinte bem cedo, quando o caçador acordou, o camponês explicou-lhe como teria que fazer para chegar a Gondar:

— Você tem que se enfiar no bosque até encontrar um rio, e deve atravessá-lo com seu cavalo com muito cuidado para não passar pela parte mais funda. Depois tem que seguir por um caminho à beira de um precipício até chegar a uma estrada mais larga...

O caçador, que ouvia com atenção, disse:

— Acho que vou me perder de novo. Não conheço esta região... Você me acompanharia até Gondar? Poderia montar no cavalo, na minha garupa.

— Está certo — disse o camponês —, mas com uma condição. Quando a gente chegar, gostaria de conhecer o rei, eu nunca o vi.

— Você irá vê-lo, prometo.

O camponês fechou a porta da sua cabana, montou na garupa do caçador e começaram o trajeto. Passaram horas e horas atravessando montanhas e bosques, e mais uma noite inteira. Quando iam por caminhos sem sombra, o camponês abria seu grande guarda-chuva preto, e os dois se protegiam do sol. E quando por fim viram a cidade de Gondar no horizonte, o camponês perguntou ao caçador:

— E como é que se reconhece um rei?

— Não se preocupe, é muito fácil: quando todo mundo faz a mesma coisa, o rei é aquele que faz outra, diferente. Observe bem as pessoas à sua volta e você o reconhecerá.

Pouco depois, os dois homens chegaram à cidade e o caçador tomou o caminho do palácio. Havia um monte de gente diante da porta, falando e contando histórias, até que, ao verem os dois homens a cavalo, se afastaram da porta e se ajoelharam à sua passagem. O camponês não entendia nada. Todos estavam ajoelhados, exceto ele e o caçador, que iam a cavalo.

— Onde será que está o rei? — perguntou o camponês. — Não o estou vendo!

— Agora vamos entrar no palácio e você o verá, garanto!

E os dois homens entraram a cavalo dentro do palácio. O camponês estava inquieto. De longe via uma fila de

pessoas e de guardas também a cavalo que os esperavam na entrada. Quando passaram na frente deles, os guardas desmontaram e somente os dois continuaram em cima do cavalo. O camponês começou a ficar nervoso:

— Você me falou que quando todo mundo faz a mesma coisa... Mas onde está o rei?

— Paciência! Você já vai reconhecê-lo! É só lembrar que, quando todos fazem a mesma coisa, o rei faz outra.

Os dois homens desmontaram do cavalo e entraram numa sala imensa do palácio. Todos os nobres, os cortesãos e os conselheiros reais tiraram o chapéu ao vê-los. Todos estavam sem chapéu, exceto o caçador e o camponês, que tampouco entendia para que servia andar de chapéu dentro de um palácio. O camponês chegou perto do caçador e murmurou:

— Não o estou vendo!

— Não seja impaciente, você vai acabar reconhecendo-o! Venha sentar comigo.

E os dois homens se instalaram num grande sofá muito confortável. Todo mundo ficou em pé à sua volta. O camponês estava cada vez mais inquieto. Observou bem tudo o que via, aproximou-se do caçador e perguntou:

— Quem é o rei? Você ou eu?

O caçador começou a rir e disse:

— Eu sou o rei, mas você também é um rei, porque sabe acolher um estrangeiro!

E o caçador e o camponês ficaram amigos por muitos e muitos anos.